

"Os jovens têm muito a aprender com esta história, que ilustra que o sucesso não é fruto do acaso, e sim do trabalho duro e da disposição para correr atrás de seus sonhos." – FLÁVIO AUGUSTO, autor de *Geração de Valor*

Álex Rouira Celma  
Fernando Trías de Bes

# A BOA SORTE



SEXTANTE

MAIS DE  
3 MILHÕES  
DE LIVROS  
VENDIDOS

Para Guillermo Trías de Bes, meu pai, com todo meu amor e gratidão, por me ensinar as regras da Boa Sorte sem me contar nenhuma fábula, só com o exemplo.

Meu pai é, de fato, o motivo principal pelo qual sei que a Boa Sorte pode ser criada.

Foi ele quem me fez ver que, basicamente, é uma questão de fé, generosidade e Amor, com maiúscula.

*Fernando Trías de Bes*

A meus filhos, Laia e Pol,  
e a todas as crianças para quem as  
histórias são escritas. Também à criança  
que sempre, seja qual for nossa idade,  
levamos dentro de nós, porque nela vivem  
a alegria, o desejo e a paixão pela vida,  
ingredientes imprescindíveis para a  
Boa Sorte.

A meus pais, Gabriel e Carmen,  
por seu amor, sua fé e seu exemplo.  
E a todos os pais cujo amor por seus filhos  
se torna a semente da Boa Sorte.

À minha companheira, Mónica,  
e a todos os seres humanos que  
fazem de sua vida uma generosa  
entrega ao outro, porque são exemplos  
vivos de que as histórias, como a vida,  
podem ter um final feliz.

*Álex Rovira Celma*

# Sumário

PREFÁCIO	À mercê do acaso	9
PARTE I	O encontro	13
PARTE II	A lenda do Trevo Mágico	25
	I O desafio de Merlin	27
	II O Gnomo, Príncipe da Terra	33
	III A Dama do Lago	43
	IV A Sequoia, Rainha das Árvores	53
	V Ston, a Mãe das Pedras	63
	VI O encontro dos cavaleiros no Bosque Encantado	73
	VII A bruxa Morgana e a coruja visitam Nott	77
	VIII A bruxa Morgana e a coruja visitam Sid	83
	IX O vento, Senhor do Destino e da Sorte	89
	X O reencontro com Merlin	95

PARTE III	O reencontro	103
PARTE IV	Pessoas que também pensam assim	109
PARTE V	Decálogo, síntese e a nova origem da Boa Sorte	115
	Agradecimentos	123

## PREFÁCIO

### À mercê do acaso

**A** vida é feita de acasos, circunstâncias e contingências – alguns felizes, outros não. Cresci ouvindo essa frase de meu avô paterno, editor de grande sucesso e com profunda experiência de vida: foi ele o fundador da editora José Olympio. Ao chegar à metade da minha jornada, me dou conta da sabedoria de suas palavras e de como o acaso esteve e está presente em todos os aspectos da minha vida e da vida dos outros. Temos a impressão de que, por mais que tentemos planejar, estamos sempre, em última instância, à mercê do acaso, e tentar controlá-lo é impossível. Será verdade?

Todos nós, quando fazemos uma retrospectiva, nos deparamos com uma grande quantidade de acasos que tiveram impacto fundamental em nossa história. Comigo não foi diferente: conheci minha mulher, companheira de 26 anos e mãe de meus três filhos, numa festa no Rio. Ela não queria ir e só foi por insistência absoluta da mãe. Nunca tínhamos nos visto antes e, se um de nós não tivesse ido à festa, corríamos o risco de jamais nos conhecermos, pois sua turma era diferente da minha.

Meu pai, editor como meu avô, deu a maior tacada profissional de sua carreira por acaso. Em 2002, estava lendo a *Publishers Weekly*, revista da indústria editorial americana, quando viu uma pequena nota sobre um livro que um autor desconhecido estava escrevendo. O tema imediatamente o interessou e ele pediu à editora um exemplar para conferir. Como a obra ainda não tinha sido publicada, ele recebeu um original e, depois de lê-lo, ficou fascinado e imaginou todo o potencial de sucesso daquele texto. Comprou os direitos autorais por 12 mil dólares e, em 2004, a Sextante lançou *O Código da Vinci*, de Dan Brown. Depois que o livro foi publicado nos Estados Unidos, uma editora espanhola comprou aqueles mesmos direitos por 1 milhão de dólares.

Este e os outros títulos do autor venderam mais de 5 milhões de exemplares no Brasil. Com parte dos lucros obtidos, meu pai realizou um projeto que lhe deu muita alegria: constituiu, em homenagem à sua mãe, o Fundo Vera Pacheco Jordão, que provê apoio permanente a várias obras sociais no Rio de Janeiro.

No filme *O curioso caso de Benjamin Button*, a questão do acaso é muito bem ilustrada na cena do acidente de Daisy (vivida por Cate Blanchett), mulher do personagem principal. Um pequeno desvio em qualquer um dos eventos que antecederam o acidente a teria livrado dele. Se o motorista do automóvel que a atingiu não estivesse fumando e olhando para a cinza que caía justamente no momento em que ela apareceu na frente do carro; se ela não se atrasasse um pouco para sair, pois alguém a chamou de última hora... A cena é

meio aflitiva, pois traz um conceito de fatalidade com o qual, para mim, é muito difícil conviver.

Em contrapartida ao tema da fatalidade e da nossa impotência em controlar o futuro, gosto sempre de pensar em como posso criar a oportunidade para acasos positivos e evitar os indesejáveis.

Ir a eventos sociais é muito bom para quem quer encontrar uma companhia, fazer novos amigos ou estabelecer relacionamentos profissionais. É difícil criar acasos positivos quando se fica em casa à noite vendo televisão. No ramo empresarial, não dá para fazer um bom negócio sem se sentar a uma mesa de negociação. Achar que uma oportunidade não existe e não investir em persegui-la é certeza de não obter sucesso.

Esse tema é muito bem explorado no livro que você tem em mãos. Ele conta uma pequena fábula que encerra a mensagem de que podemos influir no nosso destino e criar condições para acasos positivos. Há anos venho distribuindo este livro aos meus amigos e acho que seria muito bom se a rede escolar o adotasse. Mostrar que temos, sim, influência em nosso destino é um aprendizado importante.

Alain Belda, ex-presidente mundial da Alcoa – líder global na produção de alumínio – e reconhecido como um dos executivos brasileiros de maior sucesso no mundo, disse em entrevista à revista *Veja*, em 2003, que há muitas circunstâncias na vida que tornam alguém bem-sucedido: “Você tem de estar no lugar certo, na hora certa, ter a competência certa e, de repente, tudo isso se junta na mesma hora. Não tem receita do bolo. Claro que tem de trabalhar duro, mais do que os outros.”

Vale lembrar a piada do sujeito avarento que sempre pedia a Deus que o ajudasse a ganhar na loteria, até que um dia as nuvens se abriram no céu, Deus apareceu e disse: “Tudo bem, eu faço você ganhar, mas, por favor, compre o bilhete!”

JOSÉ OLYMPIO PEREIRA  
CEO Credit Suisse Brasil

# PARTE I

## O encontro



**E**m uma bela tarde de primavera, Vítor, um homem de aspecto elegante e informal, sentou-se naquele que era o seu banco preferido no maior parque da cidade. Ali, sentindo-se em paz, afrouxou o nó da gravata e apoiou seus pés descalços sobre um macio chão de trevos. Com 64 anos e uma vida cheia de realizações, Vítor gostava especialmente daquele lugar.

Mas aquela tarde seria diferente das outras, pois algo inesperado estava prestes a acontecer.

Aproximando-se do mesmo banco com a intenção de se sentar, apareceu outro homem, também com 64 anos, chamado Davi. Ele tinha um ar cansado, até mesmo abatido. Percebia-se nele uma pessoa triste, embora conservasse, à sua maneira, certo ar de dignidade. Davi estava passando por grandes dificuldades naquele momento. Na verdade, havia anos que as coisas não iam bem para ele.

Davi sentou-se ao lado de Vítor e seus olhares se cruzaram. O estranho foi que tanto um quanto o outro, ao mesmo tempo, pensaram que algum vínculo os unia, algo longínquo, mas intimamente familiar.

– Você é o Vítor? – perguntou Davi com respeito.

– E você é o Davi? – retrucou Vítor, já certo de que reconhecia naquela pessoa o seu velho amigo.

– Não é possível!

– Não acredito, depois de tanto tempo!

Eles se levantaram e se abraçaram soltando uma grande risada.

Vítor e Davi tinham sido melhores amigos na infância, dos dois aos dez anos. Eram vizinhos no modesto bairro onde viveram os primeiros anos de vida.

– Reconheci você por esses inconfundíveis olhos azuis!

– disse Vítor.

– E eu te reconheci por esse olhar tão límpido e sincero que você tem há... 54 anos e que não mudou em nada! – respondeu Davi.

Eles então compartilharam boas histórias da infância e lembraram lugares e pessoas que acreditavam ter esquecido. Vítor, que viu no semblante do amigo uma sombra de tristeza, disse a ele:

– Meu velho amigo, conte-me como foi sua vida...

Davi encolheu os ombros e suspirou:

– Minha vida foi uma sucessão de erros.

– Por quê? – perguntou Vítor.

– Você deve lembrar que eu e minha família deixamos o bairro onde éramos vizinhos quando tínhamos dez anos, que desaparecemos um dia e que nunca mais se ouviu falar de nós. O motivo foi que meu pai herdou uma enorme fortuna de um tio distante que não tinha descendentes. Fomos embora sem dizer nada a ninguém. Meus pais não queriam que soubessem da sorte que tivemos. Mudamos de casa, de

carro, de vizinhos e de amigos. Foi naquele momento que você e eu perdemos contato.

– Mas então foi por isso! – exclamou Vítor. – Sempre nos perguntamos o que teria acontecido... A fortuna era assim tão grande?

– Era sim. Além disso, parte importante da herança era uma grande empresa têxtil em pleno funcionamento e rica em recursos. Meu pai, inclusive, a fez crescer ainda mais. Quando morreu, eu assumi seu lugar à frente do empreendimento. Porém, tive muita falta de sorte. Tudo foi contra mim – contou Davi.

– O que aconteceu?

– Durante muito tempo não fiz qualquer mudança, pois tudo ia mais ou menos bem. Porém, logo começaram a aparecer concorrentes por toda parte e as vendas caíram. Como nosso produto era o melhor, eu tinha esperança de que os clientes percebessem que a concorrência não oferecia a mesma qualidade. Mas os clientes não entendiam de tecidos. Se entendessem de verdade, teriam se dado conta. Em vez disso, procuravam cada vez mais as novas marcas que iam aparecendo no mercado.

Davi parou para tomar fôlego. Recordar tudo aquilo não era nada agradável. Vítor estava quieto, sem saber o que dizer.

– Perdi muito dinheiro, embora a empresa continuasse sobrevivendo. Tentei reduzir os custos de todas as maneiras, mas, quanto mais eu os cortava, mais as vendas caíam. Estive a ponto de criar uma marca própria, mas não tive coragem. O mercado pedia marcas estrangeiras e isso me deixou no limite. Como último recurso, pensei em abrir uma cadeia de lojas próprias. Demorei a tomar uma decisão e, quando o fiz, não era possível arcar com o custo dos aluguéis com o faturamen-

to da empresa. Comecei a atrasar o pagamento das contas e acabei tendo que vender os ativos que tinha: a fábrica, meus terrenos, minha casa, todas as minhas propriedades... Tive tudo na mão, tive tudo que quis e depois perdi. A sorte nunca me acompanhou.

– O que você fez então? – perguntou Vítor.

– Nada. Não sabia o que fazer. Todas as pessoas que antes me elogiavam naquele momento me deram as costas. Fui de um emprego a outro, mas não me adaptei ou não conseguiram me entender. Cheguei até a passar fome. Há mais de 15 anos sobrevivo como posso, ganhando a vida com as gorjetas que consigo arranjar levando recados e recebendo ajuda das pessoas que me conhecem no bairro modesto onde moro agora. A falta de sorte sempre esteve ao meu lado.

Como não tinha vontade de continuar falando, Davi perguntou ao amigo de infância:

– E você, como foi sua vida? Teve sorte?

Vítor sorriu consigo mesmo.

– Como você deve lembrar, meus pais eram pobres, mais pobres do que os seus quando viviam no bairro. Minhas origens são mais do que humildes, você sabe muito bem. Muitas noites não tínhamos sequer o que comer. De vez em quando, sua mãe chegava até a nos levar alguma comida porque sabia que lá em casa as coisas iam mal. Como não pude ir ao colégio, estudei na “universidade da vida”. Comecei a trabalhar com dez anos, logo depois de vocês terem desaparecido misteriosamente. No início, lavei carros. Em seguida, trabalhei como mensageiro em um hotel. Mais tarde, consegui progredir e fui porteiro de vários hotéis de luxo. Até que, com 22 anos, percebi que eu podia ter sorte se me empenhasse.

– E o que aconteceu? – perguntou Davi.

– Com um empréstimo no banco e todas as minhas economias, comprei uma pequena fábrica que produzia bolsas de pelica e que estava a ponto de fechar. Como eu via todo tipo de bolsas nos restaurantes e nos luxuosos hotéis onde trabalhava, sabia do que as pessoas com dinheiro gostavam. Só precisava fazer o que tantas vezes tinha visto enquanto carregava as bagagens dos hóspedes. No princípio, era eu mesmo que produzia e vendia os produtos. Trabalhei de noite e nos fins de semana. O primeiro ano foi muito bom e voltei a investir tudo o que havia ganhado na compra de mais material e em viagens por todo o país para ver o que estava sendo fabricado em outros lugares. Precisava saber mais do que todo mundo sobre bolsas de pelica. Aprendi muito visitando as lojas e, sempre que possível, perguntava a todas as mulheres que via o que elas gostavam e não gostavam em suas bolsas.

Vítor, que se lembrava daqueles anos com verdadeira paixão, prosseguiu:

– As vendas foram crescendo. Durante dez anos, continuei reinvestindo tudo o que ganhava. Procurei oportunidades onde pensava que elas pudessem existir. Todo ano mudava os modelos das bolsas que vendiam mais: elas nunca deixavam de ter uma novidade. Nunca esperei até o dia seguinte para resolver um problema da fábrica. Tentei ser o responsável por tudo o que acontecia ao meu redor. Fui adquirindo pequenas fábricas, uma atrás da outra, até construir uma grande indústria. Finalmente, consegui criar um próspero negócio. A verdade é que não foi fácil, mas o resultado superou totalmente o que imaginei quando comecei tudo isso.

Davi interrompeu o amigo, tentando diminuir a intensidade de seu último comentário:

– Você não acha que, na verdade, teve muita sorte?

– Você acredita nisso? Você acha realmente que foi apenas sorte? – perguntou Vítor surpreso.

– Não quis te ofender nem menosprezar o seu feito – respondeu Davi, constrangido. – Mas acho difícil de acreditar que foi apenas você o responsável pelo seu sucesso. A sorte sorri a quem o destino, caprichosamente, escolhe. Para você ela sorriu; para mim, não. Isso é tudo, caro amigo.

Vítor ficou pensativo. Depois de um tempo, respondeu:

– Sabe, eu não herdei nenhuma grande fortuna, mas ganhei algo muito melhor do meu avô... Você conhece a diferença entre a sorte e a Boa Sorte, com maiúsculas?

– Não conheço – respondeu Davi, sem mostrar interesse.

– Aprendi a diferença entre a sorte e a Boa Sorte com uma fábula que meu avô costumava contar na época em que morava lá em casa. Sempre pensei e continuo pensando que essa história mudou minha vida. Acompanhou-me em momentos de medo, de dúvida, de incerteza, de confusão e também nas horas de alegria, felicidade e gratidão. Graças a ela, decidi comprar a pequena fábrica com o resultado de seis anos de muito esforço e com todas as minhas economias. Foi também essa história que influenciou outras importantes decisões que se revelaram cruciais na minha vida.

Vítor continuou falando, enquanto Davi, com a cabeça afundada entre os ombros, olhava para o chão.

– Talvez aos 64 anos ninguém esteja mais a fim de ouvir histórias, mas nunca é tarde para escutar algo que possa ser

útil. Como diz o ditado: “Enquanto há vida, há esperança.” Se você quiser, eu posso te contar.

Como Davi ficou quieto, Vítor foi em frente:

– É uma história que ajudou muitas pessoas. Não só gente do mundo dos negócios, mas também profissionais de todos os ramos. As pessoas que aprenderam e aplicaram a diferença entre a simples sorte e a Boa Sorte conseguiram excelentes resultados nas empresas em que trabalhavam. Para outras ela serviu até mesmo para ajudá-las a encontrar o amor. Foi útil também a esportistas, artistas, cientistas e pesquisadores. E lhe digo isso porque pude observar em primeira mão: tenho 64 anos e constatei o efeito dessa lenda na vida de muitas pessoas.

Mais animado e talvez movido pela curiosidade, Davi finalmente falou:

– Está bom, então conte-me: qual é a diferença entre a sorte e a Boa Sorte?

Vítor refletiu antes de responder:

– Quando sua família recebeu a herança, vocês tiveram sorte. Essa sorte, porém, não dependeu de vocês mesmos, por isso não durou muito. Só houve um pouco de sorte e é por esse motivo que agora você não tem nada. Eu, ao contrário, me dediquei a criar a sorte. A sorte, sozinha, não depende de você. A Boa Sorte *depende unicamente de você*. Ela é que é a verdadeira. Me arrisco até a dizer que a primeira simplesmente não existe.

Davi não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Você está me dizendo que a sorte não existe?

– Bem, digamos que sim, que ela exista, mas é improvável que ela aconteça especialmente a você ou a qualquer outra pessoa... E, mesmo que aconteça, não dura muito, é passa-

geira. Você sabia que quase 90% das pessoas que acertam na loteria não demoram mais de dez anos para se arruinar ou voltar a estar como antes? A Boa Sorte, ao contrário, é possível desde que você se dedique a ela. É por isso que é chamada de Boa Sorte: porque é *a boa*, a verdadeira.

– Por que é a *verdadeira*? Qual é a diferença? – insistiu Davi, que começava a se sentir intrigado com as palavras do amigo.

– Quer ouvir a história? – perguntou Vítor.

Davi ficou em dúvida por alguns instantes, mas acabou percebendo que, mesmo sem poder voltar no tempo, não perderia nada em escutar. Além disso, era agradável pensar que seu melhor amigo da infância iria lhe contar uma fábula. Fora o fato de que já fazia anos que ninguém lhe contava algo como se ele ainda fosse uma criança.

– Está bem, vá em frente – concordou por fim.

# PRIMEIRA REGRA DA BOA SORTE

A sorte não dura muito tempo,  
pois não depende de você.

A Boa Sorte é criada por você mesmo,  
por isso dura para sempre.



## PARTE II

# A lenda do Trevo Mágico

# I

## O desafio de Merlin

**H**á muitos e muitos anos, em um reino muito distante, um mago chamado Merlin reuniu nos jardins do castelo real todos os cavaleiros do lugar e lhes disse:

– Já faz tempo que muitos de vocês me pedem um desafio. Alguns sugeriram a organização de um torneio entre todos os cavaleiros do reino. Outros mencionaram um concurso de destreza com a lança e a espada. Vou, no entanto, propor-lhes algo diferente.

A expectativa era enorme. Merlin continuou:

– Soube que, dentro de sete luas, vai nascer em nosso reino o Trevo Mágico.

Houve então uma comoção, murmúrios e exclamações entre os cavaleiros. Alguns já sabiam do que se tratava; outros, não. Merlin impôs ordem na assembleia.

– Calma, calma! Deixem-me explicar o que é o Trevo Mágico. É um trevo de quatro folhas único, que dá a quem o possui um poder igualmente único: *a sorte sem limites*. Sem limite de tempo nem de espaço. Proporciona sorte no combate, sorte no comércio, sorte no amor, sorte na riqueza... sorte ilimitada!

Os cavaleiros recomeçaram a falar entre si com grande entusiasmo. Todos queriam encontrar o Trevo Mágico de Quatro Folhas. Alguns chegaram a ficar de pé e começaram a emitir gritos de vitória e fazer invocações aos deuses.

Merlin, novamente, conseguiu aplacar o tumulto e retomar a palavra:

– Silêncio! Ainda não lhes disse tudo. O Trevo Mágico de Quatro Folhas nascerá no Bosque Encantado, para além das 12 colinas, atrás do Vale do Esquecimento. Não sei onde ele nascerá exatamente, mas sei que será em algum lugar do bosque.

Aquela empolgação inicial veio abaixo. Primeiro fez-se um silêncio e, em seguida, os suspiros de desânimo soaram por todo o jardim. Afinal, o Bosque Encantado era tão extenso quanto toda a parte habitada do reino. Eram milhares de hectares de mata densa e cerrada. Como encontrar um minúsculo trevo de quatro folhas naquele espaço imenso? Teria sido cem mil vezes mais fácil procurar uma agulha no palheiro! Pelo menos, isso seria um desafio possível.

Diante da dificuldade da empreitada, a maioria dos cavaleiros foi abandonando o castelo real, murmurando queixas e lançando olhares de desaprovação a Merlin ao passar por ele:

– Avise-me quando tiver um desafio que possa ser vencido – disse um.

– Se eu soubesse que se tratava disso, não teria me dado o trabalho de vir aqui – reclamou outro.

– Que desafio! Por que não nos envia a um deserto para encontrar um grão de areia azul? Seria mais fácil! – alfinetou outro, com ironia.

Um a um, os cavaleiros deixaram o jardim, atravessando

as dependências do castelo para voltarem a seus cavalos. Somente dois permaneceram.

– E então? – perguntou Merlin. – Vocês também não vão embora?

Um deles, que se chamava Nott e usava uma capa preta, disse:

– Não há dúvida que é difícil. O Bosque Encantado é enorme. Sei, porém, a quem perguntar. Acho que posso encontrar o trevo de que você fala. Vou buscar o Trevo Mágico de Quatro Folhas. Esse trevo será meu.

O outro, que se chamava Sid e usava uma capa branca, permaneceu em silêncio até que Merlin lhe dirigiu um olhar questionador. Ele então disse:

– Se você diz que o Trevo Mágico de Quatro Folhas, o trevo da sorte ilimitada, vai nascer no bosque, é porque assim será. Acredito em sua palavra. Por isso irei até lá.

Assim, ambos os cavaleiros partiram em direção ao Bosque Encantado. Nott em seu cavalo negro, Sid em seu cavalo branco.

## SEGUNDA REGRA DA BOA SORTE

Muitos são os que querem  
ter a Boa Sorte, mas poucos são  
os que decidem buscá-la.



## INFORMAÇÕES SOBRE A SEXTANTE

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA SEXTANTE,  
visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)



[facebook.com/esextante](https://facebook.com/esextante)



[twitter.com/sextante](https://twitter.com/sextante)



[instagram.com/edorasextante](https://instagram.com/edorasextante)



[skoob.com.br/sextante](http://skoob.com.br/sextante)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)

Editora Sextante  
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil  
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)